

Fausto Viana, Maria Celina Gil,  
Graziela Baena e Luiza Marcato (orgs.)

# Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais

Volume XIII

Edição Especial A visualidade das divas

ISBN 978-85-7205-330-3  
DOI 10.11606/9788572053303

São Paulo  
ECA - USP  
2026

  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

  
NÚCLEO DE PESQUISA  
TRAJE DE CENA  
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA

**Organização:** Fausto Viana, Maria Celina Gil, Graziela Baena e Luiza Marcato  
**Direção de arte e diagramação:** Maria Eduarda Borges e Luiza Marcato  
**Capa:** Luiza Marcato  
**Revisão:** Maria Celina Gil  
**Foto da capa:** Linn da Quebrada no baile da Vogue, 2022.

**Catálogo na Publicação**  
**Serviço de Biblioteca e Documentação**  
**Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

D722 Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico] : cenografia, figurino, maquiagem e mais : vol. XIII : edição especial : a visualidade das divas / organização Fausto Viana ... [et al.]. – São Paulo : ECA-USP, 2026.  
PDF (382 p.) : il. color.

ISBN 978-85-7205-330-3  
DOI 10.11606/9788572053303

1. Traje de cena. 2. Divas. 3. Artes cênicas. 4. Teatro. 5. Moda. I. Viana, Fausto.

CDD 23. ed. – 792.026


Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Autorizamos a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais – Volume XIII – Edição Especial A visualidade das divas. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

 [https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR)  
Todas as imagens das divisões deste trabalho são do British Museum e liberadas pela licença Creative Commons BY-NC-SA-4.0. Todas as imagens foram ajustadas para encaixarem no tamanho da página.

**Reitor:** Prof. Dr. Aluísio Augusto Cotrim Segurado

**Vice-reitora:** Profa. Dra. Liedi Légi Bariani Bernucci

**Escola de Comunicações e Artes**

**Diretora:** Profa. Dra. Maria Clotilde Perez Rodrigues

**Vice-diretor:** Prof. Dr. Mário Rodrigues Videira Junior

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020

## Apresentação

O tema desta edição de *Dos bastidores eu vejo o mundo* a de número 12 + 1, ou 14 - 1, ou 13 ( † - “*Dicen que las brujas no existen, pero que las hay, las hay*”) surgiu como sempre de uma discussão entre os participantes do Núcleo de traje de cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo. De alguns anos para cá, compartilhar os temas tem sido uma constante entre nós. Em primeiro lugar, porque estimula a participação de todos; dá espaço para que todos manifestem sobre o que têm vontade de escrever; traz à tona, de maneira coletiva, ideias que talvez individualmente não alcançassem resultados tão positivos. E por aí segue. A decisão por um tema acontece logo no início do ano, porque gostamos de lançar a chamada pública para o Colóquio de Moda, para que a pesquisa possa ser apresentada para uma primeira discussão por volta de setembro e depois, com base no que foi discutido e proposto, lançamos uma edição de *Dos Bastidores* com aquele tema. Não necessariamente o artigo precisa ser apresentado no Colóquio, que tem sido um eixo de suporte e nosso principal encontro anual há muitos anos.

Decidido o tema *Divas*, partimos para uma lista de divas e o que elas representavam. Foram as mais diversas abordagens - algumas loucas, algumas hilárias, como o termo *trash diva* - até que se decidisse quem seriam os organizadores do volume. Com independência, os organizadores podem definir os caminhos a serem seguidos. Na primeira proposta, havia uma classificação de divas que incluía os homens como divas. Percebemos que eles estavam em todas as categorias de divas, na verdade, e assim o número se dividiu em três seções: *Divas clássicas*, *Divas decoloniais* e *Divar* como verbo.

Na primeira seção, nos dedicamos a pensar sobre algumas figuras que representam aquilo que entendemos tradicionalmente por uma diva. No texto “O que faz de alguém uma diva, parte 1: a diva clássica”, escrito por Fausto Viana, há um aprofundamento sobre o conceito de “diva”, a partir da genealogia do termo e da sua relação com as grandes figuras da ópera, elaborando quais são os atributos que definem uma personalidade como tal. Depois disso, também Fausto Viana se dedicou à figura de Maria Callas, no texto “Maria Callas, la divina – a última diva clássica?”; e Carolina Bassi à Audrey Hepburn, no texto “Audrey Hepburn – a diva e os outros corpos celestiais”, em que a autora se aprofunda sobre a diferença entre uma diva e uma estrela.

Ainda na primeira seção, dois outros olhares sobre divas clássicas aparecerão: Luciana Crivellari Dulci e Gabriela Soares Cabral se debruçam sobre as divas do cinema brasileiro da era dos estúdios do século XX, no texto “Divas clássicas no Star System brasileiro: a mocinha da Atlântida Cinematográfica e a good-bad girl da Companhia Cinematográfica Vera Cruz”. Sergio Marcelo de los Santos disserta sobre Estela Medina, atriz fundamental da história do teatro do Uruguai e que ganhou exposição recente de seus figurinos no Teatro Solís, em Montevideo, no texto “Estela Medina: rainha no teatro uruguaio”. Esses textos mostram como a figura das divas não se restringiu ao Norte Global, tendo expressão também no cinema e teatro da América Latina.

É justamente a partir dessa noção que surge a segunda seção, “O que faz de alguém uma diva, parte 2: a diva de(s) colonial”. No texto, escrito por Fausto Viana e Graziela

Ribeiro, nos dedicamos a ler certas artistas e determinadas imagens do sul global que desafiam hierarquias de raça, classe, gênero, sexualidade e região, recentralizando repertórios historicamente subalternizados.

Essa seção conta com três textos: “Quando o figurino se torna reza: a consagração de Clara Nunes no Museu da Moda”, de Marina Seif e Janaina Mércia Alves Melo, que se aprofunda na trajetória de uma das cantoras mais importantes da música brasileira, Clara Nunes, e a relação de sua indumentária com sua ancestralidade; “Mulheres negras e empoderamento: corpo, performance e fantasia na construção da Rainha de Bateria”, de Ketilley Luciane de Jesus Purpura e Marizilda dos Santos Menezes, que analisa a construção estética e política das Rainhas de bateria negras vindas da comunidade e como seus trajes são ferramenta de resistência e empoderamento; e “Pode uma subalterna ser Diva? Reflexões sobre o estado divônico e a interseccionalidade das cantoras do Movimento Brega no estado do Pará”, de Graziela Ribeiro, em que a autora se debruça sobre um movimento importante da música paraense e a construção da visualidade das cantoras expoentes dele.

Por fim, na última sessão, nos dedicamos a entender qual a visão contemporânea das divas. O Capítulo 10, “O que faz de alguém uma diva, parte 3: divar como verbo – uso contemporâneo da palavra diva”, escrito por Luiza Marcato e Maria Celina Gil, pensa sobre o verbo “divar”, ou seja, a noção de “diva” não só como substantivo, mas como verbo. Aqui, iremos nos dedicar a pessoas que se destacam como divas a partir de uma prática social e performativa. É também por conta disso que foi nessa sessão que incluímos também figuras masculinas e nos questionamos sobre se esse título de “diva” é exclusivamente feminino, ou se há também homens que podem ter características que os coloquem como tal.

Nossa sessão se abre com o texto de Sofia Bernardino Grunewald Candido e Luan Brasil, intitulado “Ney Matogrosso e sua consagração como diva através dos trajes da cinebiografia Homem com H”, em que os autores analisam os processos construtivos dos trajes da cinebiografia dedicada ao cantor. A seguir, Danielle Joia, no texto “A construção da diva Samile Cunha na obra de Samuel Abrantes”, irá explorar a trajetória de Samile Cunha, criação de Samuel Abrantes, relacionando sua atuação artística e acadêmica na elaboração dessa figura. José Eduardo Vilas Bôas e Aline Barbosa da Cruz Prudente, no texto “Bruxa Pop: Cynthia Erivo e a política da visualidade diva em Wicked”, analisam a construção de uma diva contemporânea na figura de Cynthia Erivo e como seu desempenho no papel de Elphaba, em Wicked, colabora para isso.

Outra figura masculina elencada nesta sessão é Elton John, no texto “Nunca houve uma diva como... Elton John”, de Maria Eduarda Borges. A autora se dedica a analisar os trajes do artista em suas performances, se aprofundando também em sua irreverência na construção de sua caracterização. Luiza Marcato, em “Lady Gaga e a estética gótica na Era Mayhem: moda, ruína e espetáculo”, se dedica a analisar a mais recente era de trabalho da cantora Lady Gaga, relacionando sua construção visual com o espírito do tempo e as mudanças sociais após a pandemia de COVID-19. Por fim, no capítulo 16, Luan Brasil e Sofia Bernardino Grunewald Cândido voltam seu olhar para a construção da visualidade da cantora brasileira Pabllo Vittar, no texto “De São Luís à drag queen mais famosa do mundo: a diva Pabllo Vittar”. Aqui, os autores pensam especificamente na ideia de “diva pop”, e o papel dos stylists na construção de sua imagem.

Pensando na visualidade da edição, começando pela capa criada por Luiza Marcato, adotamos o dourado como a

materialização do brilho da diva, independente do seu pertencimento a alguma categoria. Além das imagens que ilustram os artigos, cada divisão de seção traz uma diva que não foi abordada nesta edição, mas cujo valor é indiscutível em suas contribuições artísticas – e vestimentares – para o mundo.

Finalizando a edição, construímos um dossiê sobre divas LGBTQIAPN+ cujo pré-requisito de entrada – além de ser diva – era se identificar publicamente com uma das categorias. Não fizemos suposições sobre ninguém.

Nosso desejo é que a leitura seja agradável, que o nível de informação seja alto e que o respeito por estas figuras seja cada vez maior, já que, em última instância, o que se oferece são roteiros de vidas que nem sempre tiveram trajetórias previsíveis e que indicam duas características principais da diva: coragem e determinação. Que ao final do volume, o leitor/pesquisador possa entender o que é ser diva. Diva, na perspectiva de alguém, é que para aquela pessoa (ou milhões de pessoas em alguns casos) ela é plena de significado.

Fausto Viana  
Maria Celina Gil  
Graziela Baena  
Luiza Marcato